

Fé e Cidadania



Use o QRCode para acessar o Caderno Fé e Cidadania na internet, com mais artigos e links citados.

Empreendedorismo nas periferias e desenvolvimento humano integral

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Nenhum fenômeno social é tão frequente e mal compreendido no Brasil como o empreendedorismo entre populações de baixa renda. Cerca de 34,5% da população adulta gostaria de empreender e 30,1% já empreende – mais da metade da população brasileira quer o próprio negócio. Contudo, a taxa de sucesso é menor: apenas 13,2% da população tem negócio estabelecido há mais de 3,5 anos (dados do Monitor Global de Empreendedorismo). Para muitos, o sonho se torna pesadelo – aqueles que trilham esse caminho sabem disso, começando frequentemente a empreender mais por necessidade, em momentos de dificuldade, do que por opção.

Mas a “ilusão” do empreendedorismo deve ser revista conceitualmente. São João Paulo II, na *Laborem exercens*, lembrava que o trabalho tem sentido “subjetivo”: a pessoa se realiza por meio dele, cria realidade nova correspondente ao desejo de bem e beleza. No trabalho alienado da sociedade moderna, o trabalhador raramente expressa sua subjetividade, apenas troca tempo de vida pelo sustento familiar – ainda que algumas vezes com salário elevado. O empreendedorismo não é forçosamente ilusão, nem apenas desejo de “se ver livre do patrão”, mas busca de realização pessoal por meio do trabalho.

O empreendedorismo nas periferias brasileiras representa uma das mais importantes forças de transformação social e econômica do país. Longe de ser apenas uma alternativa à falta de empregos formais, a atividade empreendedora nas áreas periféricas tem se consolidado como um verdadeiro ecossistema de inovação, resistência e desenvolvimento comunitário. Realiza o desenvolvimento humano integral, promovendo a dignidade da pessoa humana, fomentando a solidariedade e avançando o bem comum. Para os que se dispõem a empreender, não é um caminho fácil, trilhado frequentemente mais por necessidade do que por opção. Para as populações periféricas, expostas a graves vulnerabilidades sociais, implica grandes mudanças culturais, aquisição de novas capacidades e realocação de recursos. Um caminho que depende da solidariedade e do acesso a redes de apoio social e econômico. Entender esse empreendedorismo e seu “ecossistema” é fundamental para pensar nos modelos econômicos que o Brasil deve fortalecer no século XXI.

É universo em que pululam preconceitos. Para alguns, quem deseja empreender é um alienado que não se reconhece como trabalhador entre trabalhadores, sujeito às injustiças do sistema. Outros os discriminam por raça ou origem socioeconômica. Com tais preconceitos, uns e outros deixam de perceber a riqueza social e a possibilidade de novos caminhos em economias cada vez mais complexas e automatizadas.

As favelas representam parte dessa realidade periférica (26% da população abaixo da linha da pobreza vive em favelas), mas ilustram bem o potencial deste empreendedorismo. Pesquisa do

Instituto Data Favela, de julho de 2025, indica que as favelas brasileiras geram R\$ 300 bilhões anuais. Esse valor supera o PIB de 22 estados brasileiros e de países como Paraguai e Bolívia, refletindo a renda de 17,2 milhões de pessoas em 12,3 mil favelas, que abrigam 8% das moradias do país.

A criatividade e inovação são elementos fundamentais nesse universo. A escassez de recursos como crédito bancário, infraestrutura ou redes de contatos empresariais obriga ao desenvolvimento de uma cultura empreendedora única, baseada na capacidade de reinventar soluções e criar oportunidades a partir das limita-

ções, com soluções simples, de baixo custo e alta efetividade.

A criatividade periférica liga-se intimamente à cultura local e necessidades comunitárias específicas. Os empreendedores conhecem profundamente seu território, carências e potencialidades, identificando oportunidades que passariam despercebidas: produtos artesanais, artistas locais, sistemas de distribuição para bairros de difícil acesso, artigos reciclados... Com a inclusão digital, redes sociais, plataformas de *e-commerce* e aplicativos democratizaram o acesso ao mercado, permitindo que negócios periféricos alcancem clientes em toda a cidade.

Apesar do potencial, o empreendedorismo periférico enfrenta desafios estruturais significativos. A informalidade, atingindo 63% dos empreendedores de favelas, limita acesso a crédito, benefícios previdenciários e oportunidades de crescimento. A falta de infraestrutura adequada – saneamento, energia estável, internet de qualidade – representa outro obstáculo importante. Felizmente, existe hoje um “ecossistema” em que diversos parceiros (financiadores, incubadoras, voluntários) ajudam a viabilizar esses empreendimentos. Com suas limitações, movidos pela solidariedade, promovem “desenvolvimento humano integral” que constrói o bem comum e traça novos caminhos para o País.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

O desafio de empreender na periferia

Marli Pirozelli N. Silva*

O livro *Brilhos da Periferia* é uma coletânea de relatos de 18 microempreendedores das periferias, acompanhados pela Aventura de Construir (AdC). São testemunhos de mulheres e homens que mobilizaram seus talentos, criatividade e coragem para, com muito trabalho, darem forma aos seus sonhos, iniciando pequenos negócios que se tornaram fonte de sustento familiar. O livro não apresenta meros *cases* de sucesso, nem fórmulas prontas, mas oferece histórias de vidas transformadas. Todas as histórias são de empreendedores apoiados pela AdC. Trata-se de uma experiência exemplar de desenvolvimento humano, com impactos positivos social e economicamente. Felizmente, uma entre tantas que temos no Brasil.

Essas histórias nos apresentam pessoas que, diante de realidades adversas, resolveram trilhar o caminho do empreendedorismo — árduo, repleto de obstáculos. Com coragem e persistência, começaram a estruturar seus negócios e fortalecer os dias após dia, gerando transformações pessoais e econômicas. O que permite o sucesso dessas experiências?

Em primeiro lugar, o esforço dos próprios empreendedores. São homens e mulheres de diversas regiões — alguns imigrantes — atuando em diferentes áreas, cada um com sua trajetória, mas todos enfrentando diariamente inúmeros desafios para manter seus negócios funcionando e construir uma vida melhor para eles e suas famílias.

Para superar as dificuldades, contaram com o acompanhamento atento da AdC, que caminha com eles lado a lado, oferecendo apoio, escuta e orientação. A melhor palavra para designar este processo é “companhia”. Não se trata apenas de apoio financeiro, ainda que esse seja necessário. A formação para maior competência na produção e gestão também é fundamental. Mas, quem encontra esses empresários e os escuta falar da AdC, percebe alguma coisa a mais: a gratidão de quem encontrou uma companhia humana em seu caminho.

Todos precisamos encontrar um rosto humano que, de certa forma, nos revela nossa própria humanidade e nosso valor. Os pequenos empreendedores das periferias, que partem de situações precárias e desafiadoras, precisam ainda mais desse encontro. É bonito ver como demonstram, com carinho e um olhar realizado, gratidão à AdC e disponibilidade de serem eles mesmos esses rostos também para outros.

Esse caminho não seria possível sem a contribuição de parceiros, patrocinadores e voluntários que fazem da AdC uma experiência viável. Esses “ecossistemas de empreendedorismo social” estão se desenvolvendo entre nós, mas dependerão sempre do

*Nas histórias que liamos na infância ou naquelas que assistimos nos filmes, aventuras acontecem em lugares e situações excepcionais. Os heróis são extraordinários, capazes de façanhas que desafiam o bom-senso. Já o cotidiano é opaco, habitado por seres que transitam entre o trabalho e a casa, sob a sombra da monotonia. Mas a vida é sempre uma grande aventura, cheia de um brilho que se esconde sob a rotina, como pepitas de ouro em meio a impurezas. O que é preciso para que esse brilho se ilumine? Amor à pessoa, desejo sincero de acompanhá-la na aventura de construir sua vida. O empreendedorismo não é uma caminhada fácil, muitas vezes é a única alternativa em um contexto desafiador. A Aventura de Construir é uma Organização Sem Fins Lucrativos que atua desde 2011, apoiando empreendedores de baixa renda. No livro *Brilhos da periferia*, são relatadas as aventuras de alguns destes empreendedores, seus brilhos e suas lições para construir um Brasil melhor.*



ONG AVENTURA DE CONSTRUIR. *Brilhos da periferia: narrativas de empreendedorismo e resiliência*. Curitiba: Inverso Comunicação e Marketing, 2024.

compromisso pessoal e do espírito solidário de todos os atores envolvidos.

Vendo as histórias a seguir, e tantas outras do livro, compreendemos que por trás de cada peça, cada sabor, cada detalhe, há uma trajetória marcada por luta, perseverança e esperança.

Descobrimo o próprio valor. Com uma história de perdas, desafios e

superação, Shirlei Nunes Taquariana é representante e revendedora de semijoias desde 2022. Hoje, é proprietária da *Boutique Taquariano* e lidera um grupo de 41 vendedoras, algo que lhe parecia impossível no passado. Ainda jovem, sob o impacto da perda do pai, desistiu dos estudos aos 15 anos. Aos 17, casou-se e se dedicou ao lar, enfrentando crises de ansiedade após um assalto. Trabalhando como babá e faxinei-

ra, conseguia alguma renda, mas se sentia incapaz e sem valor.

Com muito esforço, o casal construiu uma casa e a vendeu com a intenção de comprar um terreno maior. No entanto, eles foram enganados e perderam o dinheiro e o terreno. Esse golpe foi tão forte que Shirlei pensou em desistir da vida, mas se voltou a Deus, pedindo uma oportunidade, prometendo fazer sempre o melhor em gratidão. Logo depois, começou a trabalhar como faxineira em uma multinacional. Decidiu voltar a estudar, matriculando-se no programa Educação de Jovens e Adultos (EJA), recuperando 20 anos de abandono do estudo. Concluiu o ensino fundamental e em seguida, formou-se técnica em Segurança do Trabalho.

Enquanto trabalhava na multinacional, na qual já exercia a função de auxiliar de laboratório, Shirlei começou a vender semijoias. Participou de um projeto da AdC, recebendo assessorias que a ajudaram a se organizar e perceber novas oportunidades para sua vida. O dinheiro, que antes saía sem controle, passou a ser administrado de forma eficaz, trazendo mais ganhos e satisfação.

Depois de um ano dividindo-se entre o emprego (CLT) e a venda de semijoias, precisava tomar uma decisão difícil. De um lado, havia a pessoa que duvidava de si mesma e estava tentada a desistir; do outro, a mulher disposta a aprender, crescer e tornar seu sonho realidade. Com coragem, dedicação e o apoio necessário, Shirlei escolheu dar o passo decisivo: deixou a empresa e mergulhou de cabeça no seu negócio. Hoje, vive do que construiu, trabalha com entusiasmo e lidera seu time de vendedoras.

Um caminho de luta e muita persistência. Edilsa Maria da Silva começou sua trajetória em 1999, ao lado do marido, abrindo um pequeno bar na garagem de casa. Hoje, com muito trabalho e aprendizado, é proprietária do *Empório do Boca* — restaurante que serve almoços, petiscos à noite e uma elogiada feijoada aos sábados, com o apoio de três colaboradores.

Aos 17 anos, chegou a São Paulo, vinda de Pernambuco, e passou a trabalhar em restaurantes, nos quais descobriu a paixão pela gastronomia. Seu caminho de empreendedora começou após ser demitida ao retornar



da licença-maternidade. Decidiu, então, junto com o marido, abrir um bar na garagem de sua casa. Percebeu uma oportunidade quando peruas de transporte começaram a circular no bairro. Preparava refeições para os motoristas e passou a servir feijoada aos finais de semana.

Com o apoio do marido, o trabalho foi se consolidando. Durante a pandemia, mantiveram-se com entregas por *delivery*. Edilsa buscava novos aprendizados para aumentar a renda. Fez cursos e participou de um projeto na AdC, no qual aprendeu a organizar, manter e expandir seu negócio. Aos poucos, com muita luta e economia, construíram seu restaurante, perto de casa, em 2022. Hoje ela pode dedicar-se à cozinha, enquanto o marido cuida do atendimento e do caixa, e sua filha da administração.

É preciso uma companhia para crescer. Empreender não é nada fácil. Vontade e talento são importantes, mas não bastam. É preciso saber gerenciar, criar um plano de negócios, entender de *marketing*, *e-commerce*, precificação e, principalmente, contar com orientação de quem conhece a área para enfrentar os desafios que surgem a todo momento.

Edilsa é um bom exemplo disso. Ela conta que teve de aprender a usar o WhatsApp de forma profissional, fazer reuniões pelo Zoom e, sobretudo, a elaborar um plano de negócios — ferramenta decisiva para desenvolver seu empreendimento: “Foi isso que me ajudou, porque, se tivesse aberto o restaurante só com a cara e a coragem, sem essa ajuda, com certeza não teria dado certo”. Assim, com planejamento e refeições saborosas, estruturou um empreendimento que transformou sua vida e a de sua família.

Tudo parecia perdido. Gema Soto, imigrante venezuelana, idealizadora do *Chevere Restaurante*, que prepara alimentos saudáveis e sustentáveis, com receitas familiares e ancestrais da seu país, utilizando ingredien-

tes orgânicos e agroecológicos, encontrou a mão amiga onde menos se esperaria.

A crise na Venezuela e a falta de perspectivas econômicas levaram Gema e sua família a emigrar. Após cruzar a fronteira com o Brasil, ela passou um tempo em Roraima e depois chegou a São Paulo. Enfrentou muitos desafios em busca de trabalho, moradia e estabilidade. Por um tempo, a fome era saciada com o pão e a fruta trazidos pelo marido e o filho do Bom Prato, programa estadual de alimentação a baixo custo. Gema conseguiu trabalho, mas viu-se vítima de um regime análogo à escravidão. Em seguida, arrumou emprego em uma creche e os desafios continuaram, desta vez, na forma de racismo.

Cansada e em crise, questionava por que tudo aquilo acontecia com ela. Decidiu parar, sentou-se no centro da cidade e chorou. Foi, então, que uma pessoa em situação de rua lhe ofereceu um copo de café e contou-lhe como São Paulo fora construída por migrantes. No final, perguntou: “Sabe por que eu moro na rua? Porque não consegui lidar com a perda de meu filho”. Gema percebeu que aquele homem não tinha como superar a sua perda, mas ela poderia começar de novo.

Uma amiga falou da AdC e ela agarrou a oportunidade de participar de um projeto de capacitação para

imigrantes que desejavam empreender no setor gastronômico, começando um novo caminho.

Progredir é crescer com os outros, promovendo o desenvolvimento local. Muitas vezes, não percebemos o impacto que os pequenos negócios têm na economia e vida local. Pequenos empreendedores empregam pessoas que moram na região e movimentam outros negócios. E o impacto pode ser grande, como explica Diego Cruz, proprietário da *Okê Aventura*, empresa especializada em turismo de aventura e ecoturismo.

Ele trabalhou por 12 anos na área de tecnologia, mas o ambiente de trabalho afetou sua saúde e o fez questionar seus propósitos. Em 2019, decidiu mudar de direção, deixando o emprego para fundar a *Okê Aventura*. Ao analisar a atuação de sua empresa, junto com a AdC, Diego descobriu que seu negócio estava conectado a mais de 60 pessoas, não só em São Paulo, e que sua orientação nas trilhas e ambientes que visitava, visando a minimizar o impacto ambiental dos visitantes, contribuía positivamente para a economia, a sociedade e o meio ambiente.

A batalha diária das mulheres empreendedoras. Ao relembrar sua trajetória, Edilsa fala das enormes dificuldades que enfrentou, décadas

Arquivo pessoal



atrás, para iniciar seu pequeno restaurante. Mesmo com o apoio do marido, precisava se desdobrar entre o trabalho e os cuidados com as filhas, já que não havia creches próximas. É por isso que, hoje, ela faz questão de empregar mulheres da região, especialmente mães de crianças pequenas. Com horários de trabalho mais flexíveis, as mães podem levar e buscar seus filhos na creche, entre outras necessidades.

Apesar do aumento no número de vagas em creches nos últimos anos, os desafios para as mulheres que empreendem continuam — e são ainda maiores para aquelas que chefiam suas famílias, acumulando

sozinhas as responsabilidades do cuidado, da casa e da geração de renda. Segundo dados do Censo Demográfico de 2022, do IBGE, aproximadamente 49,1% dos lares brasileiros tinham mulheres como responsáveis, totalizando cerca de 36 milhões de mulheres nessa condição em todo o País. Para elas, trabalhar é enfrentar, todos os dias, o desafio de construir um negócio, lidar com a instabilidade econômica e cuidar dos filhos.

Michelle Cruz, proprietária da *Menina Sabores* — empresa que produz licores, compotas, geleias e doces a partir de receitas tradicionais de famílias quilombolas remanescentes — conhece bem essa realidade. Justamente por isso, sonha em gerar oportunidades de profissionalização e renda para que outras mulheres adquiram também independência financeira. Também planeja criar uma escola de culinária, na qual possa compartilhar seus conhecimentos e convidar profissionais de diferentes áreas, como confeitaria, para ampliar as possibilidades de formação. O objetivo é abrir caminhos especialmente para mulheres mais velhas, muitas delas diaristas, que, após uma vida inteira de trabalho, enfrentam grandes dificuldades para se recolocar no mercado.

* Historiadora e mestre em Filosofia da Educação, ambos pela USP. É professora universitária de Doutrina Social da Igreja

Os ecossistemas de empreendedorismo social periférico

A Aventura de Construir é o núcleo de um ecossistema de empreendedorismo social periférico. Integra uma rede de organizações, atores e recursos que promovem o desenvolvimento socioeconômico por meio do fomento ao empreendedorismo com finalidade social. Basicamente, esse sistema conta com:

✓ **Beneficiários (público-alvo):** microempreendedores das periferias, empreendedores de negócios de impacto social e

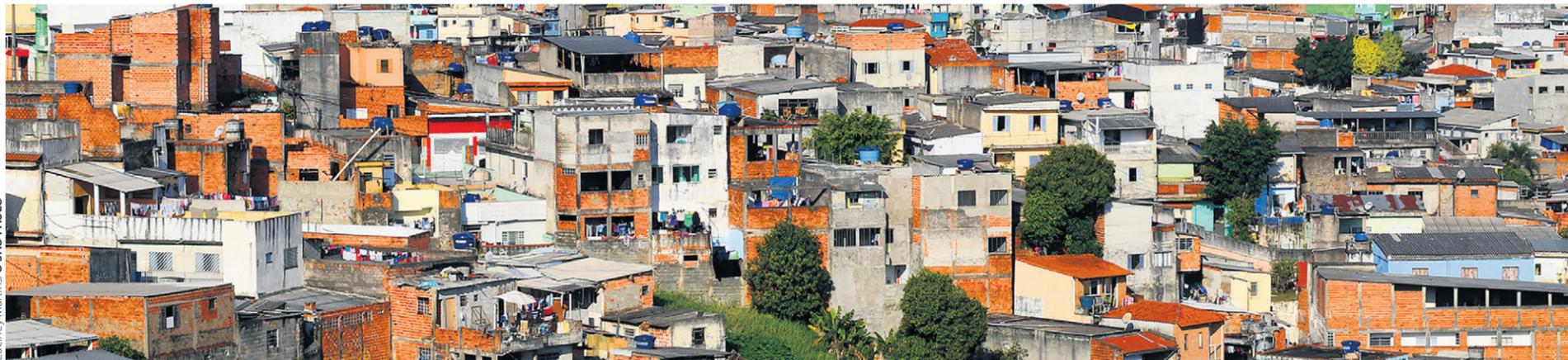
pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

✓ **Parceiros institucionais/financiadores:** empresas privadas, fundações empresariais, organizações filantrópicas e, em alguns casos, governos.

✓ **Voluntários e colaboradores:** profissionais especializados que atuam como facilitadores, mentores e consultores voluntários, e redes de apoio técnico.

✓ **Redes de apoio:** organizações que atuam como agentes facilitadores e incubadores de projetos.

Este conjunto de parceiros atua normalmente, fornecendo capacitação e assessoria, facilitando o acesso a capital, criando redes de articulação e apoio aos beneficiários, avaliando o impacto dos projetos, a fim de nortear novos investimentos sociais.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Empreender nas periferias: vocação à dignidade, força comunitária e desafio coletivo

Alexandre Nunes*

Na *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco convida a superar “a economia da exclusão” e lembra que os pobres não são um problema, mas portadores de sabedoria e protagonistas de novos caminhos. Essa visão pode nos ajudar a entender que o empreendedorismo popular é, muitas vezes, uma forma concreta de buscar o bem comum — aquele princípio central da ética cristã que nos orienta a construir uma sociedade em que todos possam viver com dignidade, acesso e participação.

Muitos pequenos negócios nascem com esse espírito: o desejo de oferecer um serviço que falta no bairro, criar algo com cuidado, recuperar uma tradição local, sustentar a família e gerar oportunidades para outros. É um caminho de autonomia, sim, mas não de isolamento. A lógica do empreendedor periférico é frequentemente comunitária, relacional, solidária.

O livro *Brilhos da Periferia* (Curitiba: Inverso Comunicação & Marketing, 2024) traz à tona esse espírito com intensidade. Um dos relatos é da Shirlei. A experiência dela é uma dessas trajetórias que revelam a potência escondida nas periferias urbanas. Após enfrentar perdas, violência e baixa autoestima, ela encontrou no empreendedorismo com semijoias uma forma de se reerguer: “Começou a trabalhar com semijoias, que surgiram como uma forma de terapia e ferramenta de escape”. Em meio aos desafios, Shirlei transformou a dor em força, a partir de oportunidades de formação e apoio coletivo — mostrando que o empreendedorismo periférico não é fuga, mas sim caminho de reconstrução.

O papel das políticas públicas e do apoio comunitário.

No entanto, não podemos esquecer que o empreendedorismo popular não cresce em um vácuo. Ele é frequentemente acompanhado de desafios estruturais que precisam ser enfrentados para que esses pequenos empreendedores possam prosperar de forma sustentável. O crédito acessível, a segurança jurídica para formalização dos negócios, o acesso a mercados e a educação empreendedora são elementos essenciais que devem ser

*O empreendedorismo entre pessoas de baixa renda, principalmente nas periferias urbanas, é muitas vezes mal interpretado. Há quem o veja com desconfiança, como se todo pequeno empreendedor fosse alguém iludido pelo mito do enriquecimento rápido, propagado por versões distorcidas do capitalismo. Outros o romantizam como símbolo de uma liberdade absoluta, como se bastasse “ter coragem” para prosperar, dispensando o apoio do Estado ou de políticas públicas. Ambas as visões ignoram a realidade concreta das pessoas e comunidades que, cotidianamente, empreendem por necessidade, mas também com esperança e senso de missão. Para quem vive em territórios vulneráveis, empreender não é, geralmente, uma escolha romântica: é uma forma de resistir, de criar brechas de vida em que tudo parece sufocado. É, muitas vezes, o caminho possível para colocar o pão na mesa e manter a dignidade. E aqui já está uma verdade que a Doutrina Social da Igreja nos ajuda a reconhecer: todo trabalho digno é expressão da vocação humana à criatividade e ao cuidado com o mundo. Como lembra São João Paulo II na encíclica **Laborem exercens**, o trabalho não é apenas meio de subsistência, mas participação na obra criadora de Deus. Empreender nas periferias é, assim, um ato de resistência e de fé. Fé na própria força, na comunidade e em um futuro melhor.*

promovidos para garantir que o esforço de tantos não se perca nas dificuldades do caminho. Entidades como o Instituto SYN também atuam nessa frente por meio de *advocacy* com outras organizações como a Aliança Empreendedora, participando de fóruns em Brasília (DF) para buscar novas políticas públicas.

Além disso, o papel do Estado é fundamental. A perspectiva de que “basta ter coragem” ou que o empreendedorismo vai florescer sem apoio é um equívoco. Como cristãos, sabemos que a justiça social e a solidariedade exigem ações concretas de apoio, e o auxílio do Estado e de organizações não governamentais deve ser parte de um compromisso coletivo para garantir que as condições necessárias para o sucesso do empreendedorismo estejam ao alcance de todos.

Luz que brilha a partir da periferia.

Outro exemplo comovente do livro é Everton Silva, empreendedor social à frente da *CicloLog*, uma iniciativa que une ciclogística, comunicação e sustentabilidade. A partir de sua vivência em comunidades periféricas e cenários de crise, Everton criou soluções inovadoras que aliam mobilidade urbana com impacto socioambiental. Ele converte bicicletas

em ferramentas de transformação: entregando mantimentos, promovendo educação, cultura e formando redes de cuidado em territórios vulneráveis.

Com atuação em desastres como o de Mariana (MG) e projetos no Rio de Janeiro, seu trabalho prova que o empreendedorismo pode (e deve) ser uma resposta às urgências sociais e ambientais do nosso tempo.

Everton não está só gerando renda para si, mas também construindo um impacto positivo, inclusão e esperança. Isso é bem comum em ação.

É por isso que iniciativas como as da ONG Aventura de Construir, apoiada pelo Instituto SYN, têm tanto valor. Elas atuam lado a lado com empreendedores de baixa renda, ajudando-os a desenvolver seus negócios com ética, planejamento e impacto social positivo. A partir dessa experiência nasceu o livro *Brilhos da Periferia*, uma coletânea de histórias que mostram como os pequenos empreendimentos são, muitas vezes, sementes de transformação plantadas em solo árido, mas fértil de humanidade.

O que essas histórias demonstram é que o empreendedorismo nas periferias não é apenas uma estratégia para gerar renda, mas uma poderosa forma de resistência social

e construção de comunidade. É um reflexo das capacidades e talentos muitas vezes escondidos, e que, quando cultivados, podem gerar mudanças reais.

Desafios e perspectivas para um futuro mais justo.

Se o empreendedorismo popular é uma ferramenta para a transformação social, ele também revela as limitações de um sistema que nem sempre favorece a inclusão de todos. O próprio Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato si'*, nos lembra que “a dignidade humana está vinculada à liberdade de trabalhar” e que a desigualdade social é um obstáculo para a verdadeira fraternidade. Isso significa que é necessário repensar o sistema econômico e as estruturas de poder que perpetuam a pobreza e a exclusão.

Portanto, é fundamental que a sociedade e as instituições — públicas e privadas — se unam para criar um ambiente em que o empreendedorismo nas periferias não apenas sobreviva, mas floresça. Isso envolve mais do que doar recursos: trata-se de criar um compromisso de longo prazo com a justiça social, com a redução das desigualdades e com a promoção de um desenvolvimento sustentável que beneficie a todos os cidadãos.

Para que todos tenham vida.

O empreendedorismo popular não deve ser tratado nem como falácia do sistema nem como solução libertadora. Ele é, antes, uma expressão legítima da luta por dignidade em contextos muitas vezes desiguais. E, como toda realidade humana, carrega ambiguidades, mas também potências, como aprendemos com o convívio com empreendedores e com a equipe da Aventura de Construir. Cabe à sociedade como um todo criar condições para que esse esforço seja reconhecido, valorizado e acompanhado com solidariedade e justiça.

Como nos lembra o Evangelho segundo João, Jesus veio para que todos tenham vida, e a tenham em abundância (Jo 10,10). Apoiar quem empreende nas periferias é caminhar nessa direção.

* Jornalista, roteirista, pós-graduado em comunicação empresarial, atualmente atua na área de responsabilidade social do Instituto SYN e é voluntário na Paróquia de São Miguel Arcanjo, atuando na Pastoral da Liturgia, Comunicação e do Povo da Rua.